

P A R A T O D O S ...

ANNO XVII
NUMERO 2
31 de Outubro
1931



LULA





Toda hora de doença é tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras", em sua vólta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

A HORA CERTA DO SOFFRIMENTO.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e podem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. É, pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

A Saude da Mulher

—sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flores-Brancas—assegura o prazer da vida, que só póde ser perfeito quando existe perfeita saude.

PARA TODOS...

*Se desejaes ser homenageada
procurae ter uma linda cutis*



**Crème de Belesa
Oriental**

PROPORCIONAR-VOS-A
OS ENCANTOS NATURAES
DA JUVENTUDE

A VENDA EM TODO O BRASIL

VAT
SETH
V

UMA HISTORIA DE SAM JOE

Soára a hora dos crimes. Lallie Picknett pela segunda vez. Inten com o cotovello nas costellas do marido, escolhendo a segunda e a terceira que seis mezes de casamento lhe haviam demonstrado excepcionalmente sensíveis ás cocegas. E fez isso com tanta destreza e resolução que o resultado foi instantaneo!

Horacio Picknett voltou-se, emittiu durante alguns segundos grunhidos indecifráveis e abriu os olhos.

— Hum!... que é?... que ha?...

— Horacio, arquejou Lallie num suspiro (podia-se ouvir uma mosca ressonar)... Horacio, tem gente lá em baixo...

— Ah!... sim!... ora!... você está sonhando... dorme... querida, dorme...



**SÓ COM
A FITA VERMELHA**

— Horacio, pelo amor de Deus, levante-se... Eu te supplico, tenho certeza...

— São ratos... Dorme, Lallie...

— Ooooo! Si você me ama, Horacio, si você me ama, estão caminhando lá em baixo... Ooooo!...

— Lallie, meu amor, juro que está sonhando. Você faz questão que eu me levante?

Que criança, santo Deus, que criança!... Bem, bom, não chore mais... eu vou ver...

Horacio Picknett, resolutivo, levantou-se, enfiou o roupão, e desceu. Quando, depois de alguns minutos, voltou, Lallie estava escondida debaixo das cobertas, dormindo profundamente. Então, tornando a deitar-se junto da esposa, na quentura da cama, Horacio, com os maxillares cerrados, affirmava estas resoluções mysteriosas:

— Dorme, meu amor, dorme... sim... dorme... mas a primeira vez que você deixar a luz accesa no hall, você mesma irá apagá-la, minha querida... não é?... você mesma...

Sam Joe

A JUVENTUDE ALEXANDRE é a maravilha do século: Transforma a mais rebelde cabelleira em um espelho de belleza. O seu emprego dá ainda aos cabellos vigor e elimina impurezas. Custa cada vidro: 4\$000 e 6\$400 pelo Correo. Encontra-se nas pharmacias e drogarias. Depositaria: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

Para clarear os dentes e desinfectar a bocca

O melhor meio de limpar e clarear os dentes é o uso da **PASTA ODOL**.

A **PASTA ODOL** deixa os dentes alvos sem atacar o esmalte, visto ser composta de substancias macias e não crystalisadas.

A completa hygiene da bocca, porém, não se satisfaz com a simples limpeza dos dentes.

Impõe-se o uso diario de um elixir que evite a carie e desinfecte a mucosa.

O **LIQUIDO ODOL** é o melhor elixir dentifricio do mundo, pois suas virtudes principaes são justamente as de evitar a carie, desinfectar e refrescar a bocca, fortalecer as gengivas, dissolver as pedras [tartaros] e perfumar o halito.

KOHOLT
NEW YORK



PARA = TODOS...

Um jantar de gala na residencia dos Embaixadores Nas- cimento Feitosa

OS Embaixadores Nascimento Feitosa têm a sciencia das festas raras e dos jantares elegantes. Numa das primeiras noites deste mez, reuniram elles em sua aristocratica residencia, á rua Farani, um pequeno grupo de pessoas da nossa alta sociedade para a encantadora realização de um jantar côr de rosa.

Todas as convidadas deviam ter vestidos rosa e perucas brancas. A mesa foi presidida pela Senhora Getulio Vargas e pela Embaixatriz Feitosa, que occuparam as cabeceiras. Diante de cada logar, encontraram todas as senhoras um presente da gentilissima dona da casa: um rico e antigo lenço de nhanduti paraguayo, dobrado em cartucho, envolvendo um pequeno "bouquet" de rosas.

Foi uma noite de elegancia e de graça, o jantar côr de rosa do dia 2-de Outubro.

COMPARECE-
RAM ao jan-
tar côr de rosa:
Senhora Getulio
Vargas, Encarre-
gado de Negocios
da Bolivia e Se-
nhora Chaves, Se-
cretario da Em-
baixada da Ar-
gentina e Senhora
Pinto, Senhor e
Senhora José Ro-
berto Macedo So-
ares, Senhor e Se-
nhora Marcos
Mendonça, Senhor
e Senhora Pedro
Latiff, Senhor H.
Santos Lobo.





Te Deum na esplanada do Castello

O CARDEAL Arcebispo do Brasil rezou, na tarde do dia 24 de Outubro, um Te Deum na esplanada do Castello, em acção de graças pela pacificação dos brasileiros. Foi iniciativa do Dr. Pedro Ernesto, Interventor do Districto Federal e um dos grandes Chefes revolucionarios. Leoncio Correia disse em palavras sentidas a belleza daquelle commemoração e terminou assim: "Gloria a Deus nas alturas e paz na terra ao Brasil, para que elle possa, pacifico e grande, magnanimo e feliz, descrever a trajectoria luminosa do esplendor dos seus destinos!..."



PARA TODOS...



No Itamaraty

Assignatura pelos senhores Ministros Hubert Knipping e Afrânio de Mello Franco do accordo commercial entre a Allemanha e o Brasil, no dia vinte e dois deste mez de Outubro.

JOGOS DA VIDA

Não me interessa a única fogueira
que brilha melancolica,
encrustada na massa negra do morro.
A limpidez da noite,
a pureza do céu, não me interessa.
O que me prende é o perfume da saudade,
que respiram todas as coisas.
Saudade do calor dourado do sol,
da manhã alegre e viva,
do movimento que aperfeiçoa os corpos
e afina e purifica os nervos,
e faz a maravilha das funções realizadas.

Ah! o bello jogo dos musculos que se retesam
e dos nervos que fremem, na grande aspiração da vida!
E a seducção da vontade que rege toda actividade!
Oh! harmonia do sér, que se exalta na acção!

RACHEL CROTMAN



DELEGADOS
ao Congresso
Pan-americano de
Geographia e His-
toria em visita ao
theatro dos in-
dios, na velha ci-
dade aztéca. Por
proposta do nosso
representante, Dr.
Moreira de Abreu,
a proxima reu-
nião do Congres-
so será no Rio,

Em Teotihuacar no Mexico



SENHORA A.
Moreira de
Abreu, esposa do
Encarregado de
Negocios do Bra-
sil em Bogotá,
vestida de "china
poblana" do Me-
xico.



A SENHORA Getúlio Vargas, durante a festa infantil no Campo de Sant'Anna, em 24 de Outubro, distribuiu brinquedos e doces às crianças das escolas municipais, ali reunidas e regozijo pelo primeiro aniversário da Revolução. As meninas e os meninos cariocas encheram as alamedas e os lagos de alegria. Foi o dia mais bonito do velho parque.



NO Palace Hotel, dia 23, quando a pintora Sara Villéla de Figueiredo inaugurou a sua exposição.



FEIRA servida por senhoras e senhoritas, em Botafogo, no dia 24 de Outubro.



NA XV Exposição Canina Internacional do Rio de Janeiro, realizada, domingo, pelo Brasil Kennel Club.

A FESTA dos Py-jamas, que o Praia Club organizou para o dia 8 de Novembro em Copacabana, vai ser o lindo começo do verão. A Avenida Atlântica se encherá dos modelos mais elegantes da cidade de toda.



R

OMAN- TISMO

HA cem annos, o romantismo era interior. Nas almas. Ellas tinham um grande consumo naquelle tempo. Todas afflictas, cheias de tempestades, anciosas, desoladas, em jejum.

O romantismo está ali de novo. Voltou. Mas não entrou. Deteve-se nos corpos. Agora, os corpos é que são românticos. Seccos, áridos, desertos, estremecem na solidade dos vestidos como as almas longinquoas estremeciam na aglomeração dos sentimentos.

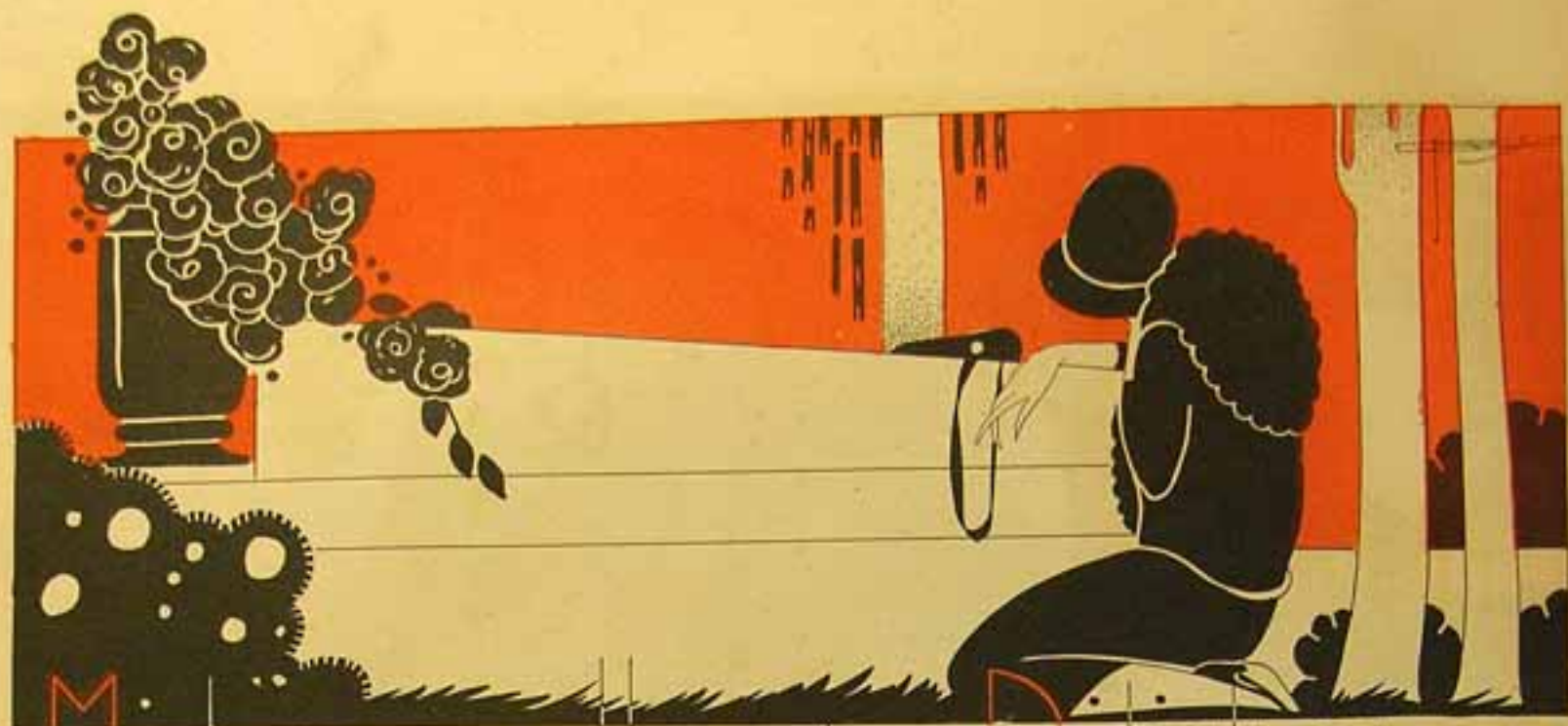
O regimen é igual. Usava-se por dentro. Usa-se por fóra. Os poetas, em 1831, davam o "menu" das almas. Os costureiros, em 1931, dão o "menu" dos corpos.

Afinal, é sempre a mesma coisa: fome.

E ainda existem pessoas que lamentam a crise, a falta de trabalho, a vida difficil. Pessoas absolutamente ignorantes da moda...

Para que comer? Para augmentar o "peso"?!





Minha coleção Ritinha

Por
ARLDO
SETTE

FOI na tarde do nosso comparecimento ao enterro do Tiberio Alcatraz que a scena fortemente impressionante se nos offereceu ali no Campo Santo.

Eu e o Bento de Andrada, depois de fechada a catacumba, havíamos feito um rodeio por uma alameda quase abobadada pelas ramagens fartas das carolinas onde se renqueavam velhos e abandonados tumulos, e vinhamos de passo curto, na serenidade agonizante do sol, num silencio que a morte nos impunha, a nós já quadragenários, ao passo que um grupo de crianças carregando um anjinho passava entre risadas.

Mas é que nós dois, mental e secretamente, fazíamos a eterna e irrespondível pergunta: Acabamos aqui ou não?

A duvida cavalgava os nossos espiritos...

Já perto do portão, sobre o marmore cinzento-escuro de um mausoléu moderno, uma mulher de bruços, com o rosto escondido, soluçava.

Entreolhamo-nos.

Os olhos de Bento ao contrario dos meus não expressaram nenhuma estranheza. Nem emoção. Era como se o quadro lhe fosse habitual, sedição, frio.

Eu, porém, sem querer, encurtei os passos numa irreprimível observação daquela mulher vergada pela dor. Viuva, irmã, filha ou mãe? Um nome em relevo, minha vista não podia alcançar bastante para lê-lo. Rosas vermelhas num jarro de louça azul-queimada.

E os soluços que não estíavam.

Entrando no automovel, Bento com o seu jeito de início brusco das historias, disse-me:

— Rita Folhagem, minha contemporânea, "Minha collega Ritinha na escola mixta de São Gonçalo. Terá hoje uns 43 annos. Ritinha de meus tempos"... Você não conheceu ella porque foi para o Rio. Morava na propria rua de São Gonçalo e deu que fazer à rapazeada: não imagina! Teve honras... Naquella epoca em que as moças eram quase todas discretas, trancadas, mesmo sonsas, Ritinha mostrava-se um padrão das de hoje: vivaz, metedida, sapéca... A madrinha, com quem vivia,

tinha a complacencia da patetice e da cavilação; ella se aproveitava dando corda a todo mundo e pondo fogo nas cabeças de quanto rapaz por ali apparecesse. Os coiós, esses surdiam em chusmas, uns chamados pelos outros, principalmente estudantes de direito das republicas da Boa Vosta. Todos queriam participar da partilha amorosa da Ritinha.

— E você, "seu" Bento... Qual o seu quinhão?

— Não se importe cmmigo... Fui dos menores herdeiros...

O meu amigo teve um risozinho de saudade e de triumpho, mas proseguiu alheando-se do seu caso pessoal:

— Nas festas de Santa Cruz, nos pastoris do Caradura, nas noites de Natal e Anno Bom, Ritinha era infallível com a sua trança grossa, seus olhos rasgados e accesos, a barroquinha na face esquerda, umas pernas que teimavam em conservar o vestido meio curto dos 13 annos embora a dona já tivesse visto uns 19. Um "foguet" diziam certas mães mais benevolas ou piedosas. Uma "assanhada", definiam acidamente as que se rigorizavam na educação das filhas.

Commentei numa mordacidade:

— Hoje, talvez haja girandolas desses foguetes.

— Ritinha era bonita mesmo. Não me esqueço. Um desses typos de mulher em que a gente é forçado a pôr um reparo, queira ou não queira. Usava umas blusas de cintura muito fina, numa tortura do espartilho e não dispensava os mitaines que faziam epoca... Um dos seus apaixonados era o Ladislau Salsêdo, seu vizinho, empregado no escriptorio de assucar do pae. Ritinha dava-lhe os sorrisos, os beijos, os affagos que não regateava aos outros, em horas diferentes, mas com uma feição diversa quanto a Ladislau: elle tomava a cousa a sério e queria fazel-a sua esposa. E insistia no proposito de casar-se com ella. Mas... a fruta não tinha de ser para sua bocca... Um quintannista de direito, rapaz do Amazonas, bastante rico, ao formar-se, levou comsigo a Ritinha...

— E o pobre do Ladislau...

— Muitos annos depois, nesta Recife bem

mudada, appareceu a rapariga com um filho que estudava preparatorios. Um sympathico e intelligente rapazola, por signal. Foram residir num sobradinho da rua Velha e logo se soube de pormenores. O tal amazonense, após viver com a amante por alguns tempos, deixou-a para se casar com uma prima tambem rica... Ella propria, Ritinha, num encontro na rua Nova, contou-me essa historia. Sempre graciosa, esfusiante, provocadora. Resolveu voltar "ao seu Pernambuco". Dedicou-se ao filho que continuava os estudos. Doida por elle; um extremado amor maternal. Mas, reappareceu-lhe o Ladislau. Paixão daquellas não morre com a ausencia nem com a ingratição. Ao contrario, enraiza-se. Elle approximou-se, rondou, chegou-se á fala. Estava agora chefe do escriptorio, tinha dinheiro, tinha automovel... Essas cousas têm força para uma mulher como Ritinha. E a ligação não tardou...

Bento olhou para fóra do carro; atravessavamos o parque Amorim já com luzes. Meninos espreitavam o peixe-boi. Nos bancos debaixo dos eucaliptos, soldados e amas.

— Até que um dia, a horrível novidade estalou. Ladislau remoera durante muitos annos o despeito e o ciúme do homem que lhe roubara as primicias daquela Ritinha, e, por isso, não via com bons olhos o filho do outro... Era uma prevenção mais forte do que a de um padrasto, por ser a de um preterido, embora com a vingança da posse tardia. O rapazinho ignorava tudo... E uma tarde, voltando de repente a casa, por esquecimento de um livro, surprehende Ladislau num gesto de querer beijar a mãe. Ritinha, por um espelho, avista o filho e para salvar o seu conceito diante d'elle, simula um repulsa, empurra o homem, dtz-lhe umas phrases de virtude que se defende de uma afoiteza. O filho intervem e esbofeteia o ousado... E Ladislau, vibrando ao insulto que era como um prolongamento do do pae, mata o rapaz aos pés da propria mãe.

De brusco como principiara, Bento calouse. E eu fiquei a me lembrar daquela sepultura de marmore cinzento com rosas frescas num jarro azul.



NO silêncio de uma noite, duas vozes se ouviam. Uma grave e fria. A outra ardente e vibrante.

Dizia a primeira: — Ainda pensas nelle?

Respondia a segunda: — O meu pensamento está sempre no recordar de um olhar suavemente esverdeado... num perfil moreno... em alguém inesquecível.

— Pensei que tivesse esquecido esta página sentimental de tua vida.

— Jamais isto acontecerá. É lindo demais para ser olvidado o meu romance de amor. As suas páginas foram escriptas com as letras douradas da sinceridade. O tempo não poderá apagar o que gravado ficou, nem atirar ao nada a minha historia sentimental. Elle, sempre elle, estará no meu coração, na minha saudade.

— Por que te deixaste fascinar tanto assim?

— Naquelles olhos verdes está escripto o meu destino. Como poderia não querer sentir a gloria de ficar presa e fascinada? Como poderia ficar indiferente ás suas palavras de ternura, palavras que até hoje resdam no amago de minh'alma?

Meu coração é difficil de ser conquistado, é difficil de abrir as suas portas para dar agasalho a alguém. No entanto, esse coração frio e silencioso, esse coração indifferente á vida deixou, venturoso, que os olhos verdes de alguém transformasse, a bruma de inverno em que vivia, na primavera do amor. E entregou-se todo á ventura de adorar.

— O romance já terminou. O que esperas agora?

— Talvez tudo... talvez nada... confio no destino...

— Acabarás arrependida e cansada de tanto esperar. Elle não voltará.

— Assim dizes, tão cruelmente. Mas, assim não penso eu. A certeza é grande de que havemos de nos encontrar num "amanhã" talvez ainda muito longe... num "amanhã" talvez bem proximo de existir...

Poderia, se quizesse, chamal-o. Sei onde elle está. A distancia que o separa de mim é pequenina. Bastaria uma palavra minha para destrui-la. Isso, entretanto, não farei. Quero que elle venha para mim por elle mesmo, por sua vontade, pela saudade que o fará me procurar. É esta a esperança de minh'alma, é este o anhelado de meu coração, cuja realidade trará a ventura ambicionada e sonhada na luz esverdeada daquelle olhar...

— Acho melhor ir procurar-o. Talvez elle pense ter sido esquecido e, por isso, não te procura.

— Elle tem certeza plena de que o amo. Muita vez os meus olhos, a minha bocca lhe disseram.

Não, não vou procurar-o. Sei que o traria. Porém, quero que seja elle quem destrua a nossa separação. Quero que elle venha para meu lado, porque assim manda o seu coração, assim ordena o seu amor. Quero

A ventura de esperar...

Por Mitsi

ILLUSTRAÇÃO - J. CARLOS

a surpresa sublime de uma volta longamente esperada. Quero a inaudita ventura de ser lembrada, de ser procurada. E' este o meu sonhar, a minha ambição de ter, outra vez, em minha vida, a luz fascinante daquelle olhos que são todo um poema de ternura, o sorriso daquelle bocca que tanta palavra bonita sabe dizer!

— E nunca sentiste vontade de procurar-o?

— Sim. Muita vez, desejei correr através desta distancia para vel-o. Muita vez, no silencio da separação, meus labios pronunciavam, baixinho, o seu nome, no desejo grande de que elle, talvez, possa escutar e sentir que meu coração o está chamando. E com a saudade deixada pela sua partida, soluço a magua de tanto elle tardar...

Mas, nem mesmo nos momentos de desespero, a esperança me foge. Na saudade dorida de meu coração brilha, sem cessar, a estrella da esperança. E, sempre, esta esperança, quando meu coração chora, costuma ir, pouco a pouco, illuminando a treva da saudade.

— Chego até pensar que o teu amor é uma phantasia. Confias no destino. Podes atravessar a distancia e não fazes. Preferes esperar... esperar...

— O meu amor é calmo e confiante. O meu amor vive da esperança e da saudade. Esperança a deslumbrar o "amanhã"... saudade a relembrar, a trazer para o presente solitario toda a poesia do dia de ontem. E assim na saudade que o inebria, na esperança que o fascina, meu coração continua adorando alguém que é todo o meu sonhar. E confio no destino... Confio na vida... confio nelle que embora tão perto, está tão longe... tendo, sempre a certeza plena de repetir a felicidade vivida!

— Uma felicidade repetida, perde muito do seu encanto de outra vez.

— Não concordo contigo. Uma felicidade repetida é uma felicidade maior, porque traz os vestígios da que passou, e os esplendores daquelle que se está vivendo.

— Entretanto, onde a certeza de que elle voltará?

— Meu coração, na ventura de esperar, vive a dizer, a todo momento, que em breve elle estará a meu lado. Oh! tenho convicção de que elle virá. A saudade sentida de mim o fará vir.

A esperança a bailar, a sorrir na solidão de uma distancia, algum dia se transformará em realidade, em felicidade. E então, em melopéas de ternura e affecto, meu coração glorificará a sua volta.

— Sonhas com um impossível. Quando um homem quer esquecer o que pôde uma mulher fazer?! Passará a tua mocidade, perfumada e florida, a esperar este alguém ingrato que partiu, sem nada deixar a ti.

— Elle não me poderá esquecer. Sempre em um logarzinho de sua vida, estarei chamando por elle, dizendo-lhe que o amo. Nunca serei para elle um esquecimento.

Nada elle me deixou, é verdade. Nem uma flor... uma carta... um retrato... Partiu sem uma palavra, sem um adeus.

No entanto, na solidão de uma distancia, não tendo nada, tenho tudo: — a lembrança linda do romance vivido a seu lado... os seus olhos verdes a sorrir para mim em uma recordação inebriante... o passado a reviver no presente, através da saudade que tortura e traz ventura... e a esperança, no castello ethereo erguido pela minha ternura, a vagar pelo céu afóra...

— Tenho pena de ti. Pena do teu despertar ao ruir de todas essas illusões. Todos os teus castellos ficarão, apenas, em castellos...

— Não receio o teu presagio. Minha confiança nas forças que urdem o destino, é a unica que prophetisa o meu futuro.

E na espera de sua volta, na espera do momento que o trará para meu lado, para meu coração, não ficarei só e triste. Terei a saudade e a esperança abraçadas num unico ideal... numa unica ambição...

As duas vozes enmudeceram. O silencio tornava ainda mais triste a noite chuvosa e fria. De repente, eis que uma porta, de mansinho, se abre. Um vulto entra e, na saudade de uma voz, murmura ternamente o nome daquelle que confiante esperava. Ella estremece e olha o jovem que de braços abertos a espera. A realidade se lhe afigura um sonho. Por alguns momentos ella fica a contemplar os olhos verdes que, sorrindo de affecto, tudo dizem. Depois, corre feliz para junto delle, e se deixa enlaçar na ternura de um abraço.

Deslumbrada e emocionada, com a realização do seu supremo anhelado, ella nada diz. A sua cabecinha recostada no humero masculino. Os olhos dos dois dizem as mais bonitas palavras de amor... enquanto o coração que esperava, o coração bondoso, louco de alegria, comprehende que afinal vai ser feliz!...

Um Pouco de NEW YORK



O Chic Club-El Patio

FUGITA, o famoso artista japonês-parisiense, dá-nos as suas impressões dos cabarets de New York.

O Cotton Club, Harlem.



Helen Morgan Jor. e Jean Malin no Smart Club Abbey



Rumba. Hollywood Club.

PARA TODOS...

Em
São Paulo

A Senhora Luiz
Prado no salão
da sua casa, no
Pacaembú, cons-
trução do archi-
tecto Gregori
Warchavchik.



a Sereia

Alvaro Ladeira

DIA e noite, rumo ao mar, o pescador levava o seu barco até à distancia imensa. E lá, na solidão das águas, pescava sonhando. Às vezes, nas noites de lua branca, elle se detinha na proa meditando na belleza das águas que reflectiam o claro espelho do infinito e, então, pondo-se á escuta, parecia ouvir, num murmuro longinquo, a musica das vagas que se debatiam nos rochedos, onde talvez existissem sereias imaginarias, cantando sempre.

Ora, numa noite elle tornou, de novo, ao mar, para lançar as suas rédes. Muitas vezes jogando-as, não logrou colher um peixe.

— Estou infeliz hoje! exclamou. Tentemos mais uma vez! As rédes se afundaram no abysmo. Ao puxal-as, Rogerio sentiu um peso immenso.

— Temos coisa boa! disse alegremente. E á superficie appareceu o grande fardo. Examinando as rédes, espantou-se. Em vez de peixes, viu insinuar-se uma cabeça loura, onde um rosto de mulher ainda sorria. Rogerio delicadamente, depositou o precioso fardo no barco e voltou á praia. A noite lá muito branca. O collar de estrelas no infinito formava uma illuminura brilhante.

Rogerio, afastando o barco, retirou de lá o corpo da mulher. E então, pôde observar melhor aquella criatura de trinta annos, morta como? Que segredo existiria naquella vida desfeita? Que mysterio profundo encobriria aquelle destino? Ninguém sabia. Mas na sua ignorancia de homem humilde comprehendeu ali tanta belleza. A mulher representava um typo singular. Tinha, no rosto, triste, uma serenidade angelical. E havia tanta expressão, tanta candura o seu ar resignado, tanta melancolia no olhar amortecido, que Rogerio sentiu intima tristeza nessa contemplação dolorosa. Olhou por muito tempo aquella visão fantastica que lhe dera o mar. Depois, fechando em cruz as suas mãos so-

bre o peito branco, sorriu com amargura e, tomando, de novo o barco, partiu para a solidão maritima.

Deu-se então, na linda noite, o divino milagre. O luar, entre as estrellas que tocavam o infinito, muito azues e scintilan-

tes, corou com seus raios, distilando clari-
dades, o rosto da morta que ficou mas
branco e ethereo como dessas virgens que
morreram santas e os seus cabellos louros,
tocados de luz, resplandeceram na noite
como reflexos de prata...



No
Rio

A Senhora Os-
mar Wolter
(em solteira
Yvonne Labar-
the), entre as
poetisas Marina
de Padua e Ilka
Labarthe, no
dia do seu ca-
samento.

Pintura Gravura

A PINTORA
IVANNA
LEMAITRE
POR
ELLA MESMA



DECORAÇÃO NA IGREJA
DE MENDOR POR
IVANNA LEMAITRE



LEGENDA DE SÃO
FRANCISCO
POR IVANNA
LEMAITRE



CRUCIFICA-
ÇÃO GRAVADA EM
MADEIRA POR
IVANNA LEMAITRE

ES
C
U
L
P
T
U
R
A



"DIANA"
BRONZE
DE
DESPIAU

O Poeta da Guerra

Eugenio Gomes

EM meio a uma geração que se caracterizava por um cerebralismo atormentado, elle teve a singularidade de proclamar-se feliz e, talvez, devido a esse pendor natural para a alegria, os seus dias, enquanto a asa tetrica da guerra os não ensombrou, correram descuidados como aquelle rio familiar de Grandchester, do qual elle cantou as aguas "verdes como um sonho e profundas como a morte". Mas, não se pense que a visão directa da guerra houvesse destruido nelle o dom afável da conformidade sympathica, que lhe era inherente.

Se, até então, elle conservara intacto o thesouro nativo e raro, sem embargo da "insularidade e do atheismo risonho", de que se sentia penetrado, não seria a guerra, com todos os seus horrores, embora, quem lhe viesse arrebatrar essa riqueza interior. Pelo contrario, no sacrificio da guerra descobriu elle um symbolismo profundo. O campo da luta, onde a morte lhe suggeria, a um tempo, o peor inimigo e amigo, deparou-se-lhe por um angulo que tinha a faculdade de transformar o mais brutal dos espectaculos naquella visão, limpida e bella, em que, consoante uma imagem sua, os homens transfigurados pulavam, alertas e ageis, como os nadadores através de uma agua transparente.

O panorama apocalyptico da hecatombe guerreira rasgava-se, desse geito, a seus olhos, repassado de uma claridade imperceptivel aos outros combatentes. E' que o poeta a levava em si mesmo e, como a luz das lampadas cegas, que os mineiros conduzem, ás apaídelas, por entre as galerias subterraneas, essa claridade accendia imagens prodigiosas de idealidade sobre os escombros da guerra. Quer sob os céos riscados pelas luzes violentas e coloridas das granadas, quer sobre os mares minados, afinal, em plena familiariedade da morte, Rupert experimentava a sensação esquisita daquella mesma euforia espirital que, algum tempo depois, viria communicar á senilidade magnifica de D'Annunzio o celebrado *senso giovanile*. Quando o heróe dos velivolos audazes que cruzaram os Alpes numa furia doida de destruição, exclamava, sob a atmosphera asphyxiante da guerra, *quintu è perfecta letitia*, não estava só em expandir o delirio da juvenilidade acordada nos homens, áquella hora tragica, em que "a Honra descia de novo á terra, como um rei para remunerar os seus subditos com um salario real". Rupert conheceu, tambem, a perfeita alegria, por signal que, em carta dirigida das linhas de fogo, expressava o mesmo contentamento juvenil e, diga-se, inconcebivel em taes alturas: "eu sou a pessoa mais feliz do mundo" (*I'm the happiest person in world*).

Ter-se-ia despertado no poeta o espirito aguerrido da raça que tem na epopeia de Fingal o palimpsesto de sua braveza? Não, o que levava Rupert a expandir daquelle grito, o coração, grande e bravo, em pleno horror da guerra, não era outra coisa

senão o sentimento da juventude animado por uma causa, que lhe parecia e era, com effeito, sagrada, em face da civilização. E, assim, numa guerra em que o genio da sciencia acabara por apoucar e supprimir o heroísmo, a bravura individual, Rupert conduzia-se como um ephêbo daquelles tempos em que o soldado levava para os campos de batalha a graça de seus gestos disciplinados e rapidos, de maneira que, quando se batia valentemente, delle se dizia que havia dançado bem.



Erick Remarque, o romancista da guerra, e o seu cão.

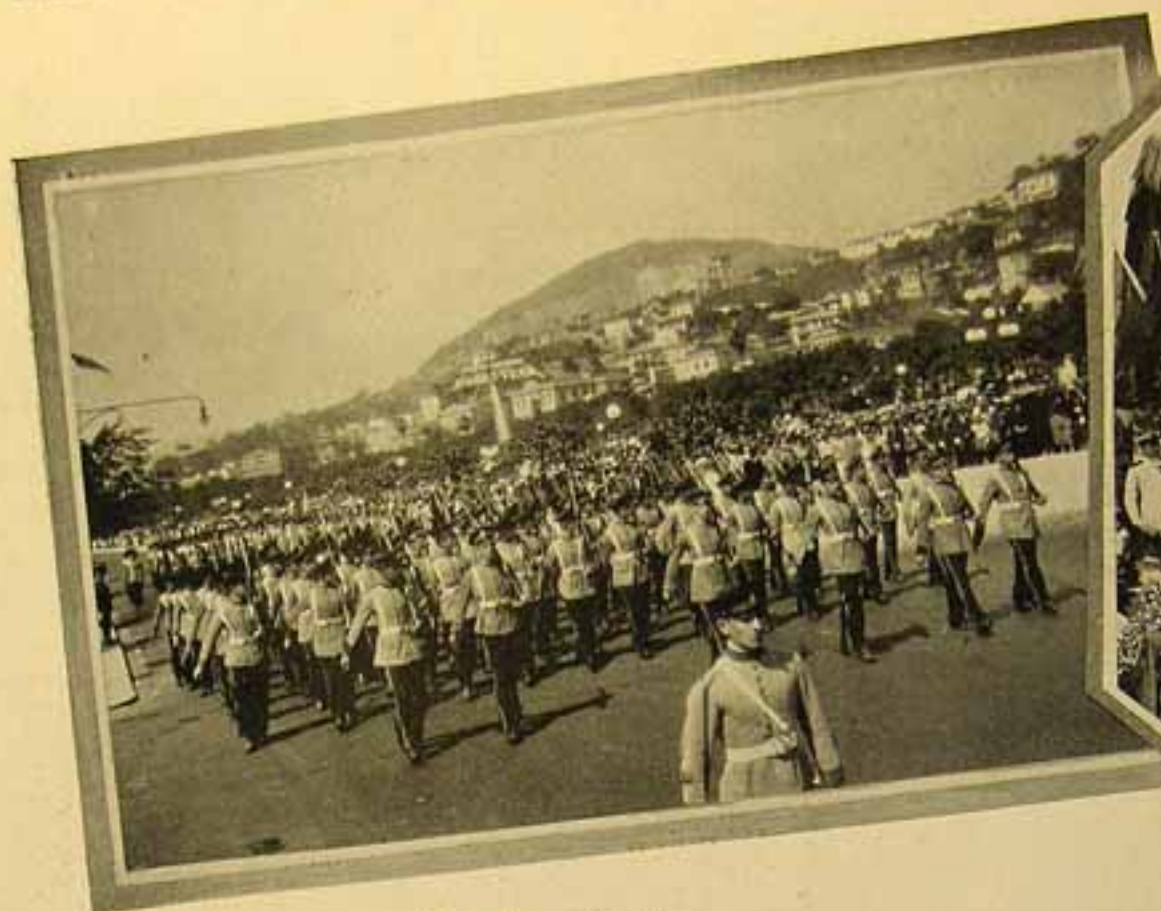
Tres poemas de Rupert Brooke

Sopral, cornetas, sopral!
sobre os ricos mortos!
Não ha nem um desses, por
mais solitario e pobre que
tenha sido que, morrendo,
não nos tivesse feito dadi-
vas mais raras que o ouro.
Esses desprezaram o mun-
do e atiraram fóra o vi-
nho, rubro e doce, da mo-
cidade. Renunciaram aos
annos futuros de trabalhos
e alegrias, e áquella ines-
perada serenidade, a que
os homens chamam velhi-
ce. E áquelles que teriam
sido seus filhos, elles da-
riam a sua immortalidade.
Sopral, cornetas, sopral!
Elles trouxeram á nossa
penuria a Piedade, que ha
tanto nos faltava, e o
Amor e o Soffrimento. A
Honra, como um rei, vol-
tou á terra e remunera os
seus subditos com um sa-
lario real. A Nobreza sur-
ge em nossos caminhos,
novamente. E nós entrá-
mos na posse de nossas he-
ranças.

Esses corações foram te-
cidos de alegrias humanas
e cuidados, lavados maravi-
lhosamente pela tristeza,
mas promptos á alegria.
Os annos trouxeram-lhe a
bondade. Elles tiveram:
auroras, poentes, e os ma-
tizes da terra. Viram o
movimento e ouviram mu-
sicas; conheceram os ca-
becios da modórria; fo-
ram amados; andaram em
soberba camaradagem; ex-
perimentaram todos os
fremitos da admiração;
sentaram-se a sós; troca-

ram flores, e pelles, e fa-
ces. Tudo isso acabou. Ha
aguas sopradas pelos ven-
tos, a rir, illuminadas, o
dia todo, pelo rico céu.
Depois, a geada fará pa-
rar, com um gesto, as on-
das que dançam e a belle-
za irradia, deixando um
branco, ininterrupto cla-
rão, um concentrado es-
plendor, uma amplidão e
uma resplandesciente paz,
sob a noite.

Se eu morrer, pensa isto
de mim: que o canto
de terra estrangeira em
que me inhumárem, será
para o sempre Inglaterra.
Ahi, nessa rica terra, se
ocultará um punhado de
pó ainda mais rico: o pó
que a Inglaterra engren-
drou, modelou e fez cons-
ciente, dando-lhe, a um
tempo, as suas flores para
amar e os seus caminhos
para transitar. Um corpo
que pertenceu á Inglaterra,
que respirou os seus
ares, que se banhou em
seus rios e foi abençoado
pelos sóis da patria. E
pensa que esse corpo, pu-
rificado emfim de toda a
maldade e que é já uma
vibração no espirito eter-
no, restituirá, não obstan-
te, em alguma parte, o
que da Inglaterra rece-
ber: suas visões e reso-
nancias; os sonhos felizes
como os seus dias; o riso,
que lhe ensinaram os ami-
gos; e a doçura, na paz,
dos corações, debaixo do
céu inglez.



Escola Militar



A tribuna



Forças do Exército e da Marinha



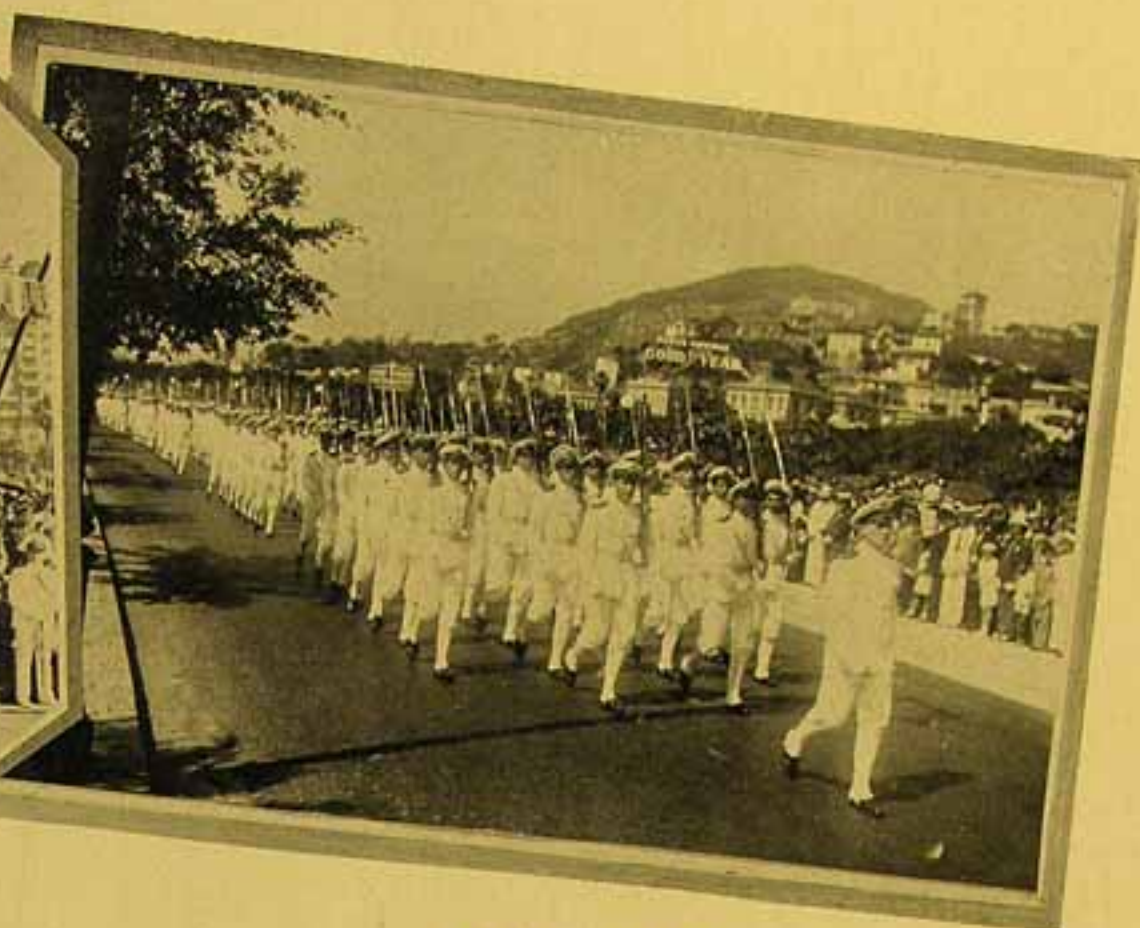
A
revista
militar



2
O
Ou



official



Escola Naval



Infantaria, Cavallaria, Artilharia

4
e
ubro



Na
Avenida
Beiramar

Es t u dan tes



NA Faculdade de Direito de Niteróy quando o casal Clovis Bevilacqua lá esteve de visita, a semana passada.

A Bandeira do Brasil hasteada, no dia 24 de Outubro, na Faculdade Fluminense de Medicina, pelo director, doutor Manoel Ferreira.



SABBADO, n o theatro João Cactano, durante a collação de gráo dos 358 loutorandos que terminaram o curso este anno, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A mesa presidida pelo Ministro da Educação e Saude Publica, o Reitor da Universidade e o Director da Faculdade.

NO Palacio do Ingá, depois da homenagem prestada ao General Menna Barreto, Interventor Federal, pelos medicos da turma deste anno da Faculdade Fluminense de Medicina, O Ministro da Educação e Saude Publica, doutor Belisario Penna, esteve presente.

No Caminho Grande

Graça Aranha

Já as "chuvas de cajú" tinham passado, os cajueiros tinham florido, e os frutos amadureciam nas árvores. Era tempo de irmos para o sítio, no Caminho Grande. Parte da família seguia por terra na machambomba carregada de crianças, criados e bagagens. Eu era do grupo superior, de escaler, pelo Anil acima. De manhãzinha, vínhamos a pé, pela ladeira da Barreira à Praia do Cajú, onde o escaler de meu tio, irmão mais velho de meu pae, nos esperava. A maré enchia e com a sua ajuda, a pequena embarcação subia o Anil. Enquanto deixávamos essa praia do Cajú, onde muitas vezes tomei banho salgado em banheiro fechado por causa dos tubarões e onde nas marés baixas, eu com outras crianças, vinha apanhar conchas, caranguejos e siris, enquanto passávamos pela praia de Santo Antonio, pela Fundação, pelos Remedios, olhávamos a estatua de Gonçalves Dias, a quem meu pae invocando-o, nos estimulava a render-lhe commovido preito, e deixávamos a cadeia, a Gambóia do Matto e, do outro lado, Vinhaes, e penetrávamos na esteira solitaria dos sítios, eu ia experimentando a agua do rio salobra até que ella passasse a ser doce. Era signal de que estávamos na proximidade do sítio e a alegria da vadição augmentava.

De longe, na curva das aguas, descortinávamos a casa da morada e já na praia estavam os que nos precederam na machambomba. A algazarra dos meninos, dos moleques e negrinhas nos tomava e mal eu punha o pé em terra, eis-me correndo com elles para debaixo dos cajueiros. Sacudindo as arvores, eu trepando nas que se esparramavam pelo chão, nos regalávamos a chupar sob a imprecação das criadas, que temiam as nodas para as

nossas roupas. Mas desdenhávamos esses receios. Sabíamos que nossas roupas eram velhas, reservadas pela providencia de minha mãe, para essa época do sítio, sem preocupação de conservá-las. As sombras immensas das mangueiras davam uma calida doçura ás alamedas que levavam do porto e da estrada do Cutim á grande vivenda. Passava-se o dia debaixo das arvores, e quando não chovia, eram ali no chão de folhas seccas, as refeições. Redes armadas nessa sombra das arvores para conversar, para cochilar e dormir a sesta. Era o dominio de minha mãe. Raramente meu pae repousava. O seu genio andarejo e curioso não o deixava socegado. Seguido pelos filhos mais velhos fazejava todos os recantos do sítio, embarrastava pelo matto e eis-o radiante de volta das suas vadições, trazendo frutas e flores selvagens.

Passava-se o dia em perpetua merenda, bolos do Maranhão, os famosos bolos podres, manúes, pamonhas, cangicas, alcaçar. Bebia-se garapa, chibé, agua de côco dos coqueiros do sítio, e assahy da jussara, apanhada no alagadiço da fonte. As frutas eram as que davam fartamente os cajueiros, as mangueiras e as goiabeiras. Ás vezes tinhamos bacury que era um encanto pelo perfume, pela brancura dos "filhos" e da polpa dos caroços. Fazia-se fogueira e assavam-se castanhas de cajú. Um cheiro forte de resina perfumada, vagava sob as arvores. A castanha assada era fartamente gosada. Nessas comezainhas que intercalavam os almoços e jantares de peixadas, gallinhas de molho pardo, pacas e cutias compradas na estrada aos caboclos da Mioba, perús recheiados, leitões assados, levava-se um mez de bombança.



Graça Aranha menino, no tempo que elle evocou no trecho que publicamos d' "O meu proprio romance".

S
P
I
N
E
L
L
YANTONIO
FERRO

S P I N E L L Y, imprevisível singular, tentadora, é o "grain de beauté" da cidade sensual, desse Paris que é o decote da França. Spinelly é uma andorinha encantada em mulher, uma andorinha que voa, pelo "boulevard", que anda de theatro em theatro, de ramo em ramo... Spinelly é, a um tempo, bailarina, coupletista, artista de comédia, — trágica, se fôr preciso. Não é uma artista, é a vida duma cidade, duma cidade que dança e canta, que dança em volta da estatua dum heroe e canta, no meio das praças, os ultimos "couplets"...

A casa de Spinelly, na Avenue Charles Floquet, surpreende, ao primeiro olhar, como um scenario de Fritz Lang. O "hall" de Polret, com sua piscina ao centro, acorde musical de agua e perfume, com sua floresta de ouro e treva nas paredes, com os seus idólos chinas, scismaticos e graves, com seus divans envenenados de molezas, é o primeiro capitulo duma novela estranha, um pouco artificial mas cheia de ambiente.

Spinelly, que me faz esperar alguns minutos, desculpa-se com um sorriso e uma palavra boa. Traz um vestido castanho, muito simples, tudo quanto

ha de mais chocolate... Com sua cabeça de boneca que diz muito mais coisas do que "papá" e "mamã", com seus olhos feitos de amor, com as so-brancelhas marcadas, mephistophelicas, com a sua bocca rasgada, com o signal no rosto, um oásis no deserto da sua pelle tão liza, Spinelly é um artigo de Paris, o "porte-bonheur" da cidade amorosa...

Spinelly interpela-me:

— Uma entrevista, não é verdade?? Que lhe posso dizer? Sinto-me tão inferior quando falo de mim...

— Sou eu que falo de si, sou eu que lhe faço perguntas, Spinelly limita-se a responder...

— Pois estou ás suas ordens...

— Qual o theatro que prefere?

— Eu só represento os papéis que me são destinados, os typos unicos, estranhos, de que ha só um exemplar... E' essa a razão por que mudo de theatro constantemente: vou atraz da fantasia dos autores...

— Compreendo... Assim como ha as meias de seda Marny e os perfumes Coty, ha um genero de theatro Spinelly...

— Não vou tão longe...

— Spinelly é diferente de todas. Por isso lhe destinam as mulheres unicas...

— E' possível que seja assim...

— Sei que tem uma preferencia muito accentuada pelo "Music-Hall"...

— E' onde me sinto melhor. O "music-Hall" é o theatro de hoje, o theatro desarticulado e colorido como um "clown"...

— A visão deste "hall" já me tinha revelado o arrojo do seu temperamento...

— Mandei fazer esta casa em 1912 quando os artistas modernos, inimigos do "poncif", iniciavam a sua campanha. Fui muito censurada pelos meus amigos, pelos meus camaradas. Não me preocupei. Tenho idéas muito assentes sobre a verdade e sobre a logica da arte moderna. Eu não admitto, por exemplo, na nossa época, um "fauteuil" Luiz XV. Esse move! pede naturalmente, um vestido rodado, uma saia balão, uma cabelleira monumental. Os vestidos justos, apertados, desportivos, das mulheres de hoje não se adaptam á cerimonia e á naponencia de certos moveis... Estão a pedir cadeiras de linhas sobrias, simples, quasi severas. Se ha artistas modernos que vivem a nossa vida, que sabem o que nos vae bem, que estão dentro da civilização, porque não havemos de encommendar-lhes o scenario das nossas horas, de toda a nossa existencia? Os "fauteuils" Luiz XV, todos os Luizes, não foram feitos para nós... Obedeciam a um ambiente, á atmosfera duma época. As attitudes eram outras. A linha dos moveis deve ser dada pela attitude e pelo gesto...

— Tenho uma grande alegria em a saber tão moderna, tão avançada...

— Modernissima... Tão moderna que tenho um filho com dezoito mezes...

— Moderna... Existirá, realmente, a mulher moderna?

— Sem duvida. Mas essa mulher moderna, não me interessa na sua fachada. Não faz "sport" para ganhar saúde, mas, ao contrario, para emmagrecer, para se definir. Furça demasiada e tem attitudes desmanchadas que embaraçam, por completo, a sua linha. E' mais interessante encarada debaixo do ponto de vista moral. Não tem preconceitos e é mais activa e mais util do que as mulheres de hontem, menos feminina, em todo o caso. Está, afinal, sem vantagem, mais proxima do homem... Fica á vista da Terra da Promissão: não consegue alcançá-la...

— Spinelly, pelo que diz, é partidaria da superioridade do homem sobre a mulher...

O sexo fragil é uma expressão que define, maravilhosamente, todas as mulheres. Somos realmente fragéis, inquietas, privadas completamente de força de vontade... Dum lenço rasgado fazemos uma tragedia. O homem tem outra força, outra serenidade. Sabe atacar e defender-se. Depois, é mais intelligente, mais "sinceramente" intelligente... Ha mulheres, é certo, que representam, como grandes actrizes, a comedia do talento... Existem excepções, é claro...

— Qual a mais feliz? A mulher de hontem ou a mulher de hoje?

— A mulher de hontem...

— Por que?

— Porque encontrava a felicidade no amor dum homem...

— Não é ainda o que acontece?...

Spinelly responde, com uma vaga melancolia:

— Infelizmente, as mulheres de hoje em geral, encontram a felicidade no amor dos homens...

Spinelly levanta-se e sacode, em risos e tregeltos, a poeira da tristeza que lhe cahiu em cima...

— Venham ver o resto da minha casa...

A casa de jantar, decorada por Iribe — se não estou em erro — é duma meia tinta que não fatiga os olhos e os deixa deslumbrados. O quarto de cama, também de Iribe, é uma grande pincelada azul. Spinelly, julgando-me surpreendido, mostra-me a photographia duma casa de campo...

— E' para onde vou morar proximoamente. Desde que sou mãe sinto-me pouco á vontade nesta casa... E' uma casa demasiado audaciosa para quem tem deveres... Convida á irreverencia...

Despeço-me de Spinelly e regresso ao boulevard. Penso nas ultimas palavras da interprete da "Ki-Ki" e sorrio intimamente. Spinelly, porque tem um filho, quer deixar de ser irreverente... Como se Paris a acreditasse... Spinelly pôde ter os filhos que entender... Paris olhal-a-á, com ternura, e dirá para si:

— Esta Spinelly é uma criança... Ha de entreter-se com bonecas até ao fim da vida...

GROCK não é, garanto-lhes, fácil de ser entrevistado! Não se recusa, absolutamente!... Mas, apesar disso, é quase impossível detê-lo alguns instantes e interrogá-lo! De resto, não é nada espantoso que esse homem extraordinário, esse artista incomparável e já tão ocupado...

Foi graças à gentileza do meu bom amigo Antonet que consegui conversar alguns minutos com Grock.

Grock estava, essa noite, de muito bom humor, entretinha-se amigavelmente com Antonet — seu mestre, como ele próprio gosta de chamar — e foi, sem dúvida, pela graça dessa boa sorte que pude pedir a Grock para me contar como conhecera Antonet e como vieram a organizar juntos o número famoso.

— Conheci Antonet na América do Sul, em Buenos Aires, no Circo Ghilioni, onde ele era, ao mesmo tempo, o *partenaire* de Walter e director do picadeiro. Nessa época eu trabalhava com outro artista, fazíamos uma entrada comica e musical, interrompida por jogos de bola, saltos, acrobacias, etc... Fui sempre muito original na apresentação do

meu número e na minha apresentação pessoal; um exemplo: enquanto todos os artistas do circo executavam o habitual *charivari*, eu me contentava a dar a volta no picadeiro tocando clarineta. Pois bem! creia-me se quiser, e depois está ali Antonet que pôde confirmar: eu obtinha, com esse simples passeio musical, um enorme sucesso; mais sucesso do que todos os Augustos reunidos! Antonet sabia que eu tocava muitos instrumentos, mas ignorava os meus talentos de pianista e, uma manhã, depois do ensaio, eu vendo um piano no picadeiro, não pude deixar de me aproximar e tocar timidamente, e, como ninguém aparecesse para me interromper, entusiasmei-me e puz-me a tocar como si estivesse sózinho.



GROCK

ROBERT DE GAGEMONT

mais tarde, as contingências financeiras levaram-me para Madrid. Ao fim de um violento desacordo, que durava já algum tempo, decidi deixar o meu *partenaire* e achei-me, por isso, do dia para a noite, sem trabalho. Uma tarde, passeando pelas ruas de Madrid, tive a surpresa, a boa surpresa de encontrar

Antonet que, também ele, deixara Walter e estava sem Augusto. As nossas situações permitiam recomeçarmos as negociações com o fim de uma possível união. Rapidamente nos puzemos de acordo, e, depois de três meses de trabalho obstinado, tínhamos o nosso número pronto. Estreámos no Circo Caillol e Demarne, em Marseille, onde demos três representações. De lá, passámos para o Circo Médrano. Trabalhámos juntos sete annos, bem vê que não nos conhecemos de hoje!



Antonet que, dos bandeiros, assistia à minha exhibição, foi, no fim, me felicitar. Fiquei muito sensibilizado, pois Antonet era já um Clown conhecido e a sua apreciação sobre o meu talento de músico só podia me envaldecer. Desde ali, Antonet e eu, nos empenhámos em negociações para nos juntarmos e crearmos juntos um número. Infelizmente, por motivos que até hoje ignoro, essas negociações não tiveram êxito e, terminado o meu contracto, deixei a América do Sul. Alguns mezes

— Posso lhe perguntar, senhor Grock, por que Antonet não é mais seu *partenaire*?

— Eu quize experimentar o *music-hall*. Separámo-nos bons amigos. E é tudo, nada mais simples!

— A ultima vez que appareceu no picadeiro, foi com Antonet, no circo Médrano, ha vinte e tres annos! Não teve certo embaraço, reaparecendo no picadeiro depois de tão longa ausencia?

— Sim, um pouco, no principio do numero, mas não se esqueça que tenho mais de vinte annos de picadeiro... Eu sou de circo...



PYJAMA de Redfern em crepe setim bois de rose. O casaco tem uma golla de "skunks". Cinto e guarnição de flores em "pailleté" preto. — Pyjama assignado por Mambocher é em velludo "chiiffon" preto. Tem uma tunica aberta dos lados que dissimula as calças. Póde ser usada com varios casacos de tons vivos. — Um elegante pyjama de "chantal" em setim branco muito brilhante. — Manteau de "Premet" em velludo mousseline bois de rose com guarnições de "skunks".

têm cauda, *pan-neaux* ao vento, babados em forma, tunicas longas abertas dos lados ou na frente e atraz. Nos casacos reside toda a fantasia. O mesmo pyjama pode ter uma serie de casacos. Qualquer pedaço de tecido rico e vistoso serve para um casaco; os tamanhos variam enormemente, desde o meio longo, (mais proprio para as mulheres fortes) até o bolero. O mesmo acontece com as mangas que ora são longas, ora não passam do meio do braço e muitas vezes desaparecem por completo. Em todo guarda roupa existem sempre uns vestidos perles já fora de moda e, às vezes, mais de uma antiga capa de "lamé". Qualquer dessas peças transfor-



PYJAMA domina em todas as horas. Ha muito que elle era o traje preferido na intimidade. Depois, fez a sua apparição nos chás e nos jantares. Todas as donas de casa elegantes começaram a receber os seus convidados vestidas com ricos pyjamas. Por fim elle sahiu de casa e foi jantar e foi dansar nos restaurantes e nos casinos.

Agora é uma verdadeira fe-

bre. Todos os dias os grandes costureiros criam novos modelos, cada qual mais estylizado, mais ousado, mais trabalhado do que qualquer vestido de *soirée*. A opinião dos grandes costureiros é que os vestidos tendem a se recolher com o sol. Aliás os modernos pyjamas, de pyjamas só têm o nome. As calças, muito amplas, só mostram que são calças com algum movimento mais rapido. Muitas

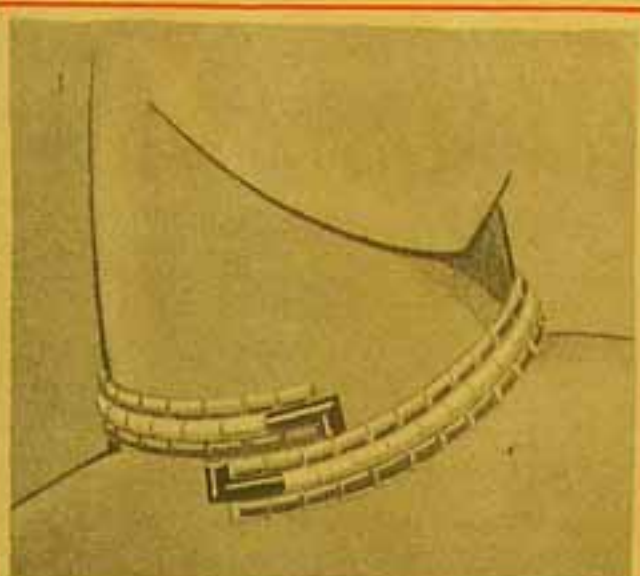
MODELO de Premet e lá fina verde e peitilho de renda creme. — Manteau de "drap" preto sedoso, guarnecido de "astrakan", assignado por Redfern.

Moda

jama. O setim brilhante e o velludo "mousseline" são os tecidos mais empregados na confecção dos pyjamas, mas para o verão anunciam os de "mousseline lisa, estampada ou bordada a fio metálico. Paul Poiret, que voltou á activa, diz que os pyjamas que está preparando vão revolucionar completamente os meios elegantes e os bolsos dos maridos...

ma-se, nas mãos de uma costureira de imaginação, num lindo e custoso casaco, que servirá para variar o aspecto do py-

COLAR de platina, ouro e onyx, criação de Jean e Janine Dusansoy.



PYJAMA em crepe setim branco e crepe setim preto, assignado por Lucien Lelong. — Tem uma linha elegantissima este pyjama de Champcommunal feito em velludo "mousseline" vermelho. — Pyjama de Paul Poiret em setim branco muito brilhante. O casaco tem mangas de "Georgette" originalissimas e é todo bordado a prata e contas.





A moda no

peças vistosas, pois esse traje actualmente está caríssimo e, o mais commum, é os boys vestirem simplesmente uma camisa de flanela escura, uma calça metida dentro das botas, um lenço e o classico chapéu de abas largas, indispensavel contra a chuva, o sol, o vento e a areia. Os **chaps** ou calças de couro constituem a peça mais curiosa do costume presente. Sem fundo, enfiados por cima de uma calça ordinaria, protegem das intemperies,

preto. Fazem de pello tinto de vermelho, laranja ou amarello, mas só são usadas nos circos e nas festas equestres. O **slicker**, ou longo sobretudo de oleado, é quasi sempre de um amarello berrante que se avista a kilometros de distancia atravez das brumas das planicies.

Far-West

Boas e grossas luvas communs contra o

frio e o roçar do laço e, para os dias de gala, a luva crispim bordada com contos, trabalho executado pelas mulheres indigenas. A sella é o orgulho do cow-boy e agora, com o preço do dollar, uma sella sem

Ilustrações e
Texto de
J. HAMMAN.



OS tempos longinquos em que Jim Bridger, um dos pioneiros da civilização americana, se vestia, á maneira dos indios, com roupas de couro franjado, já havia no Far-West uma moda em harmonia com as necessidades da época.

Moda de dupla origem: indigena e mexicana.

Hoje ainda, mesmo no Norte, uma parte do equipamento do cow-boy tem nomes hespanhóes: **chaparejos**, **tapiaderos**, **conchas**, **latigos**, e até o **lasso** que os Americanos do Norte fingem chamar de **rope** (corda).

Sendo a primeira necessidade garantir-se contra as intemperies no curso das longas cavalhadas, as roupas de couro eram naturalmente as indicadas.

Os caçadores e os batedores faziam, elles proprios, as suas roupas de couro de gamo e de bisão, franjadas á moda indigena. Nas regiões frias usavam gorros de pelles e, no Sul, grandes chapéus que ostentavam, muitas vezes, uma penna de aguiá.

Hoje, os batedores desapareceram e as casas de confecções fornecem aos caçadores todo o conforto moderno.

O cow-boy é o unico typo original que ainda resta no Far-West.

O cow-boy não é sempre como apparece nos films cinematographicos, adornado com

das quedas e do atrito do laço, talhados nas formas mais bizarras, conforme as regiões que os cow-boys preferem. O Texas ou o **Cheyenne style** por exemplo são preferidos nos centros de creadores do Sul.

Nos dias do **Rough Riders Congress** que tem lugar em Cheyenne, os cow-boys exhibem todo o arsenal da elegancia.

Conseguidos, muitas vezes, com os perigos de jogos os **chaps** e as sellas se cobrem de pregos e placas de nickel e de prata.

Esporas immensas nos saltos das botas e, por excesso de requinte, pequenas barras de metal dispostas de maneira a fazer ruido contra uma enorme roseta em fórma de estrella. As hastes da espora representam, ás vezes, pernas de mulher calçadas com finas botinas.

Os altos saltos das botas que, bem enfiados nos estribos, contribuem para evitar o choque de um ataque de laço, dão-lhes quando estão de pé, o ar de uma mulher do campo que pela primeira vez calça um sapato de salto alto e caminha com os joelhos para a frente.

As botas de cow-boy são, quasi todas, guarnecidas com desenhos fantasistas do gosto do comprador; a parte dianteira se faz mesmo em couro de aligator o que é de lindo effeito. Ha já algum tempo que a camisa de tecido em grandes quadros e muito usada e os lenços mais procurados são os de seda alaranjada ou vermelha, tendo estampada a figura de um cavalheiro ao qual o cavallo se entrega por um **bucketing** endiabrado.

Grandes punhos de couro, com desenhos gravados á mão, completam o **outfit**. O revolver é inutil e de má quillate.

No inverno, o cow-boy usa calça de couro na face posterior e de pello na face anterior (**angera chaps**). Ordinariamente em branco ou



importancia custa mais de contos de réis, um chapéu cento e vinte; os **chaps** custam de setecentos a oitocentos mil réis. Mesmo deixando de lado a parte um pouco theatral do traje ha necessidade de escolher accessorios de boa qualidade e portanto muito caros.

O costume do qual o theatre e os desenhistas tiraram (refiro-me aos estrangeiros) um partido ridiculo **Mexicano-bandido-calabrez** perde a sua fantasia como desaparecem os costumes dos Pelles Vermelhas. O numero dos cow-boys diminue, o officio é quasi que só



fadiga e monotonia, o transporte do gado por vias-ferreas supprimiu as grandes cavalhadas atravez do deserto até ás cidades; os gatunos de cavallos tornaram-se raros e os Indios estão pacificados.

E' de bom tom conservar um humor igual, não se occupar do proximo sinão para lhe prestar serviços, não entrar a cavallo nos botequins e ser pollido com as mulheres.

Cow-boys, meus irmãos, recolhi os teus bellos espelhos patinados pelo sol e pelas chuvas. Que elles possam nos inspirar bellas imagens e bellos contos em honra da vossa gloria passada.

PARA TODOS...

Dia
2
de
Novembro

no
IMPERIO
e no
CAPITOLIO
do Rio
e no
CINE PARAMOUNT
de São Paulo



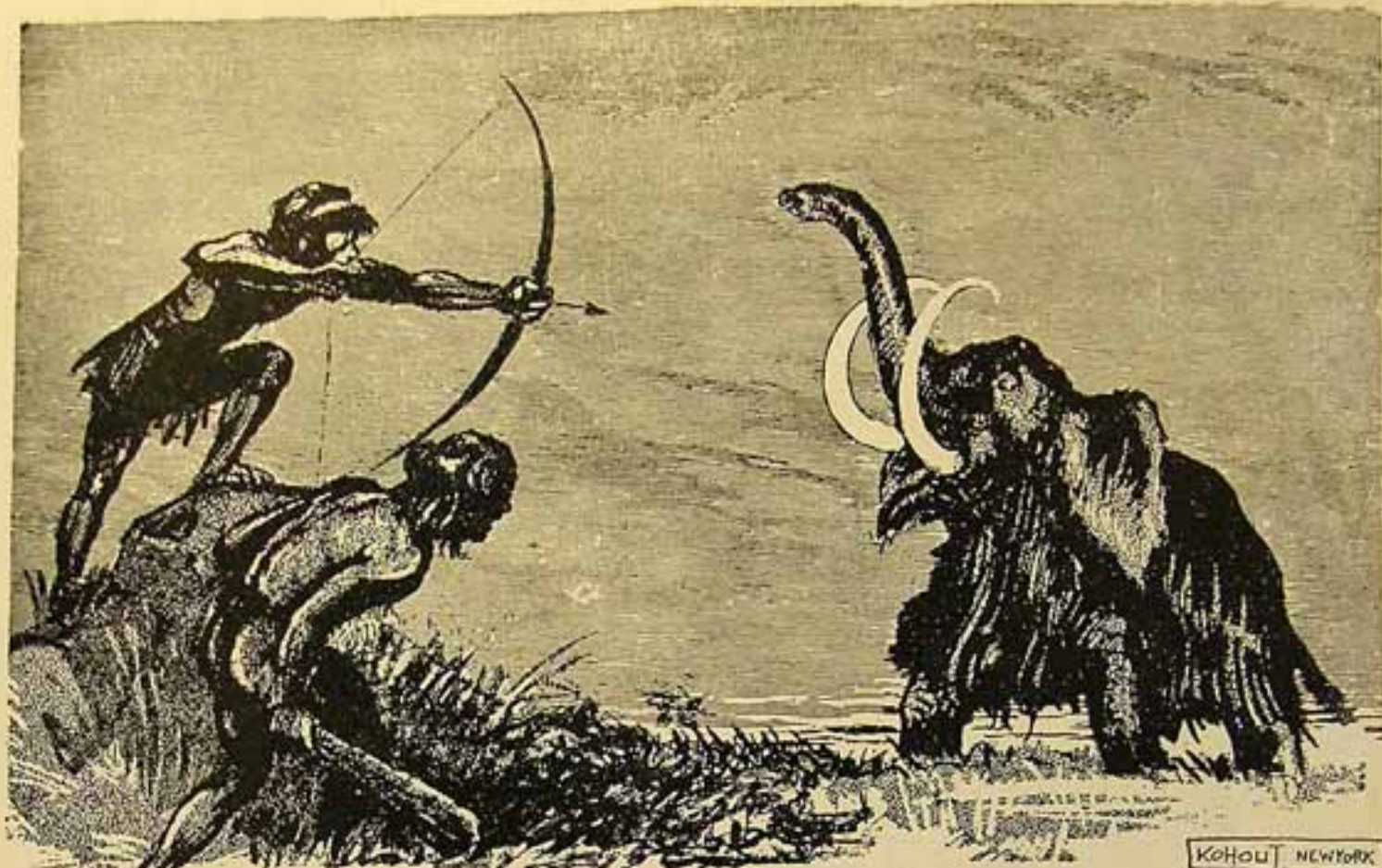
música de
STRAUSS

TENENTE SEDUTOR

super-produção
de **LUBITSCH**

criação de

MAURICE CHEVALIER



Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria. A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus aparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o **Nutrion**, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systema nervoso.

NUTRION



Homem que se diverte

Joaquim Ribeiro

Os mythos não desaparecem. Desmoralizam-se. O diabo não foi excepção. Perdeu todo o prestígio depois que se apagaram as cinzas das últimas inquisições. No tempo em que era queimado em effigie, num ritual espalhafatoso e macabro, gozava de popularidade tão grande quanto a de um politico opposicionista mettido na enxovia. Metamorphoseava-se, seduzia, tentava, escarnia de tudo e era, afinal, adorado porque só se adora a quem se teme, e, nesse tempo, o diabo passava por ser o mais temível dos deuses que conspiravam contra o christianismo.

A Idade Media, aliás, é attrahente justamente pela obsessão demoníaca, que a caracteriza. As superstições fervilham em todos os cerebros. Junto a cada cavalleiro andante, a cada senhor feudal, a cada pagem, a cada escudeiro havia sempre um demonio tentador. Os exorcismos eram praticados e os signaes cabalísticos e os xeroglifos enigmaticos pairavam como um mysterio nos manuscriptos e palimpsestos de antanho. A obsessão era tal que havia toda uma literatura curiosa, especializada, — a demonologia — sobre o assumpto.

Innumeras eram as creaturas, que segundo se suspeitava, tinham pacto com o demonio. Conta Heine como os inquisidores catholicos punham á prova essa suspeição.

De facto, não deixava de ser curioso o processo. Amarravam os hereticos e apostatas e jogavam-no dentro de um poço. Se morriam á tona eram innocentes. Se voltavam á tona vivos eram considerados culpados e portanto queimados. Não tinha por onde escapar. Certo é que para a logica do tempo o processo nada tinha de absurdo...

O diabo era combatido assim. Dahl o seu prestígio razoavel.

A intolerancia dizendo "Não" fazia o melhor dos elogios ao Deus dos felizes.

Isso, entretanto, era nos tempos remotos e medievales. Hoje, ao contrario, está esquecido, e, mais do que esquecido, desmoralizado. Ridículo, banal, inoffensivo, desacreditado enfim, unicamente porque deixou de ser perseguido.

A culpa, portanto, foi do liberalismo, que com a Revolução franceza ensinou aos povos esta verdade: a tole-

raancia! Pode-se dizer que quem matou o demonio foi a democracia...

Até no "folk-lore" elle apparece côxo, tolo, cretino mesmo. Foi assim, desprestigiado, burguez e democrata que Luiz Martins foi buscá-lo para attenuar a neurasthenia do heroe de sua admiravel peça "O homem que se diverte".

Luiz Martins, escriptor ainda joven, mas cujo nome tem repercutido na geração nova como o mais subtil criador de paradoxos, andou durante algum tempo illudindo a si mesmo, e fazia versos. Queria enganar aos outros que era poeta. Mas positivamente para isso elle não dá. Um dia, porém, o Alvaro Moreyra, talvez com intenção cabralina de descobrir algo, chamou-o para o "Theatro de Brinquedo".

O meio seleccionou-o. Luiz Martins fez-se actor, e, de actor a autor foi questão apenas de uma letra...

Trocou-a facilmente e revelou-se um comediographo finissimo, de qualidades raras e fascinantes.

Escreveu "O homem que se diverte", que é o genesis de seu indiscutivel talento theatral.

Argamassou os personagens: um homem — o homem que se diverte — um diabo, uma mulher...

Modelou-os, e, como estava no Brasil, não esqueceu, nem poderia esquecer o Carnaval. E' entre confetti e serpentinas que se passam o primeiro e o ultimo acto. O intermezzo — a vida — passa-se a bordo de um transatlantico. Naquelles dois ha attitudes symbolicas e extranhas nos personagens.

No segundo, ao contrario, é a vida com todos os seus ridiculos e com todas as suas banalidades...

Justamente a originalidade da peça está no primeiro e no ultimo acto. Os dialogos succedem-se imprevisitos, paradoxaes.

O homem que se diverte é o homem que faz paradoxos para disfarçar a immensa melancolia, que a incompreensão do ambiente em que vive lhe provoca. E' um inadaptado. Como todo homem superior vive fóra de seu meio.

Apparece-lhe o diabo (o diabo democratizado) e presenteia-o com uma mulher differente das outras. O homem acredita que ella assim seja, mas o ineditismo dilue-se como o carnaval.



Luiz Martins

Caricatura de Alvarus

A vida rotina volta, e, com ella, a decepção. O homem sente desabar a illusão, que o ether carnavalesco favorecera. A tentação do diabo, afinal, fóra um lógro.

A vida rotina é o segundo acto. Ha "flirt", ciúmes, uma conferencista gorda e velhusca, um inglez com o indesejavel cachimbo, um homem que enjôa, etc.

Os mumulengos exprimem, nesse acto, essa grande monotonia: a realidade.

Emfim, chega, de novo, o Carnaval. O homem e o diabo encontram-se e explicam-se. O diabo está apaixonado pela mulher, que antes presenteara e resolve, por essa desdita, entrar para um convento. Os diabos sempre tiveram predilecção pelos conventos...

Esse final define toda a peça:

O diabo — Eras triste. Eu era a alegria zombeteira, a ironia irreverente. A graça eterna. Deste-me a tua tristeza, a tua neurasthenia, o teu tedio. Estou doente. Vou me recolher a um convento, reconciliado com a Igreja. Vamos?

O homem (com a incoherencia de todos os homens) — Não posso. Não rés que hoje é carnaval? Vou me divertir...

E' esse o "leit-motiv" da peça que Luiz Martins escreveu e ninguém representou porque é theatro de verdade e de talento. O homem que se diverte é o homem que procura illusões...

O Carnaval, comquanto seja o mais sincero dos desabafos collectivos, vive apenas tres dias. A alegria tambem...

Luiz Martins não usa mascaras, porém faz coisa peor: "blagues". E' uma maneira intelligente e subtil de se divertir á custa alheia. O literato, no fundo, é o homem que se diverte...

Por exemplo:

DO homem mais imperioso, a mulher pôde fazer o que quizer, uma vez que ella tenha muito espirito, bastante belleza e pouco amor.
Fontenelle

SOU apenas um espelho, e chamam-me perverso. — *Stendhal*.

AS pessoas virtuosas desacreditam a virtude.
Friedrich Hebbel.

O silencio é o traço de união dos desunidos.
Amiel Lapeyre.

NÃO gaste nunca uma mentira sem utilidade, pois você não sabe se terá necessidade della um dia! — *Mark Twain*.

AQUELLES que nunca conheceram a volupia de desagradar não podem imaginar os divinos prazeres dos meus vinte e cinco annos; eu escandalizei. Muitas pessoas se enfureciam por causa dos meus livros. A tolice dellas me enchia de felicidade. — *Maurice Barrés*.

QUANDO se tem razão deve-se raciocinar como um homem; e como uma mulher, quando não se tem razão. — *P. I. Toulet*.

SÓSINHAS, nas casas, as aranhas lhes dão um pouco de vida, esticando os fios para seccar a roupa das moscas... — *Gaston Patkowski*.



Adolf
Hitler
que
quer
ser
o
Mussolini
da
Allemanha.

SANTA THEREZINHA A LOTERIA DO LAR

CONCESSIONARIA:
COMPANHIA
DE
LOTERIAS
INDEPENDENCIA



Séde:
Fortaleza
Estado do Ceará

ORDEM DAS EXTRACÇÕES DE NOVEMBRO

Numero das extracções	DIAS	PREMIO MAIOR	PREÇO DOS BILHETES	FRACÇÕES
10	3	30:000\$000	10\$000	1\$000
11	10	15:000\$000	5\$000	1\$000
12	17	30:000\$000	10\$000	1\$000
13	24	15:000\$000	5\$000	1\$000

JOGAM APENAS 15 MILHARES

Extracções em urnas e espheras numeradas por inteiro, movidas a electricidade

EXTRACÇÕES TODAS AS TERÇAS-FEIRAS

ELLE acha que está atacado de uma molestia do cerebro. Que pretencioso! — *Dumas fils*.

UM idiota pobre é um idiota, um idiota rico é um rico... — *Paul Laffitte*.

O medo que os ricos têm dos pobres é para a maioria delles o começo da philanthropia... — *Lucien Descaves*

NÃO se ama porque se quer ser amado. Ama-se, porque se ama.
Luis Thomas.

HA sempre um pouco de loucura no amor, mas ha sempre um pouco de juizo na loucura. — *Nietzsche*.

HOJE em dia não se vive mais dos rendimentos, morre-se...
Pierre Veber.

PHRASE de uma mulher:
— Fui louca por este homem e hoje nem posso mais olhal-o. Como os homens mudam! — *Henry Becque*.

PARA TODOS...

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
Preparado no Laboratório da Lugolina
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
4\$000

DIGA COMNOSCO

LU GO LI NA

D^r Eduardo Franca
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. 2 - 2827

DEPOSITARIOS
DA
LUGOLINA
E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.



O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4\$000



Resultado obtido pelo uso das
PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N° 87 em 20-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual
devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, Pharmacien
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

A venda em todas as Pharmacias.

De LÉON DAUDET

UM escriptor que supporta — sem indignação, colera, nem compaixão — a iniquidade, a estupidez, a maldade ambientes, que passa a vida correndo atraz das tiragens typographicas e das honras, — e que honras! — uma poltrona de academico ou de presidente de conselho administrativo, possua elle o mais bello talento do mundo e a torre de marfim mais preciosa, me dá a impressão de uma pobre barata passeando sobre o papel branco, as patas sujas de tinta. — *Léon Daudet.*

A GUERRA FUTURA

O general C. Bastico publicou em Florença uma obra sobre a guerra futura. Guerra que será breve e rapida, dominada pela aviação que será a arma principal da offensiva chimica — que existirá apesar de todas as convenções — e protegerá os exercitos de terra. As redes estrategicas terão uma importancia sem precedentes; ligarão não só

a retaguarda, mas todo o paiz, até mesmo as colonias, na sua profundez. O papel da infantaria não diminuirá. A infantaria decidirá a sorte da guerra, sustentada pela artilharia, os carros de assalto e a aviação. A artilharia continuará a se desenvolver. A cavallaria, um dos elementos da rapidez, não desaparecerá mas agirá de combinação com os cyclistas e os automobilistas. A aviação terá como primeiro objectivo annullar a aviação inimiga em duellos aereos. Depois de attingido esse fim, ella se consagrará á destruição dos centros vitaes do adversario. A aviação militar assumirá gradualmente o character de força armada de terra.

Os aviões de caça serão a infantaria do céu, as grandes machinas de combate, providas de canhões e de uma tripulação numerosa, serão a artilharia. A guerra no mar nivelará os navios de guerra, os sub-marinos e a aviação.

C. Bastico diz textualmente:

“A guerra do futuro nos trará surpresas e difficuldades de toda sorte, tragará insaciavelmente as vidas, as riquezas e a força de vontade, será um jogo cruel em torno da existencia e da não existencia das nações. A paz perpetua não é mais do que um sonho”.

COLLEÇÃO DE BONECAS

ACABAM de reabrir no museu do castello de Arnstadt (Thuringe) as vinte e quatro salas que contêm a celebre collecção de bonecas denominada *Mon-plaisir*. Ella foi organizada entre 1710 e 1750 pela princeza

PREPARADO DE VALOR



Um dos melhores preparados de que tenho lançado mão para o tratamento da syphilis rebelde é o **ELIXIR DE NOGUEIRA**, do pharmaceutico JOÃO DA SILVA SILVEIRA.

Bahia, 30 de Dezembro de 1926:

Dr. Joaquim Eduardo Barretto.

Medico do Serviço de Soccorros Urgentes da Sub-Secretaria da Saude e Assistencia Publica do Estado da Bahia.

Vende-se em todas as pharmacias, casas de campanha e sertões do Brasil — Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

Augusta-Dorothea de Schwarzburg-Arnstadt e conta quatrocentos e cincoenta bonecas. Essa collecção é um documento historico precioso, pois representa a vida da corte, assim como a vida burgueza daquella época, de uma forma muito pittoresca.

INFALIVEL NA PRISÃO DE VENTRE **VENTRE-SAN** REGULADOR DO APARELHO DIGESTIVO

DEPOSITO: RUA DA CONSTITUIÇÃO, 20 — RIO.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 112 — S. PAULO

PARA TODOS...

O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

A tosse nocturna é o maior horror dos que sofrem de bronchites, chronicas, asthma ou coqueluche. O *Bromil*, sendo um calmante e um espectorante poderoso, evita os acessos de tosse, permitindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao suplicio das noites em claro.



TOSSE ? BROMIL



65 - RUA DA CARIOCA - 67

O EXPONENTE
MOVEIS MODERNOS
RIO DE JANEIRO
MAXIMO EM
TAPETARIAS

TAPEÇARIAS
DECORAÇÕES

